

Do Capitalismo tardio ao Pós-modernismo: a influência de Mandel sobre Jameson

*From late Capitalism to Postmodernism :
Mandel's influence on Jameson*

*Philippe Oliveira de Almeida

1. Introdução

O objetivo deste trabalho é investigar a influência do pensamento do economista e político belga Ernerst Ezra Mandel (1923 – 1995) sobre a obra do filósofo e crítico cultural estadunidense Fredric Jameson (1934) – enfocando as conexões entre o conceito de *capitalismo tardio* desenvolvido pelo primeiro e o retrato da sociedade pós-moderna proposto pelo segundo.¹ Embora o próprio Jameson, em diversos momentos, tenha admitido seu débito para com Mandel, poucos estudiosos ocuparam-se em estabelecer paralelos entre um autor e outro.

Uma observação preliminar se faz necessária: o conceito de *influência*, enquanto ferramenta para estudar a relação entre autores de diferentes gerações (receptor e transmissor, como o poeta e os seus antecedentes criativos) sofreu severas críticas nos últimos anos – sendo posta em questão sua aplicabilidade à história das ideias. Muitos entendiam como urgente a tarefa de reinscrever as pesquisas relacionadas à história dos sistemas de pensamento no seio da historiografia social e política. Para isso, era imperioso que se abolisse a crença, moderna, de que os ramos do saber (filosofia, ciências, artes) poderiam se desenvolver a partir de um princípio automotriz, autopoietico, sem qualquer conexão com a vida vivida, o solo pré-conceitual da realidade cotidiana.²

A historiografia tradicional enxergava a “evolução” de uma disciplina como a construção colaborativa de uma tapeçaria: novos autores e obras, novos temas e problemas, nunca eram vistos como efetivamente *novos*, mas como materialização de uma trama previamente desenhada em abstrato, o desenrolar de um novo. Dessa perspectiva, a possibilidade de *diálogo* entre um saber autonomizado e um contexto sócio-cultural era, em última instância, rejeitada: em permanente *solilóquio*, a disciplina só aprenderia consigo mesma – se auto-manifestaria no curso da história, mas completamente apartada dos percursos assumidos pela história. Dentro dessa proposta, a noção de *influência* (herdada da astrologia) se mostrava central: como um corpo celeste que sobredetermina o destino de um indivíduo que nasce sob seu signo, a força gravitacional de um autor clássico demarcaria os rumos assumidos pelos autores a ele posteriores. Interesses econômicos e político-ideológicos, dilemas morais e pulsões eróticas, inovação disruptiva e serendipidade³ (quer dizer, descobertas afortunadas feitas por acaso), não entrariam nessa narrativa da produção de conhecimento – que serenamente ignoraria rupturas e incongruências.

Se esse uso conservador da ideia de *influência* resta ultrapassado, descortinam-se, no entanto, perspectivas distintas de aplicação do conceito. Embora não deva ser encarada como chave monocausal de explicação da relação entre artistas ou pensadores (que não pode ser reduzida a um jogo de passa-anel, de transmissão passiva), a *influência* é uma realidade, enquanto recepção (marcada por adaptações e exclusões, conflitos e crises) de teorias e estratégias alheias para responder a problemas próprios. É evidente que toda atualização de uma doutrina implica, em um grau maior ou menor, um processo de *transcrição* (para valeremo-nos do termo

cunhado por Haroldo de Campos).⁴ Apropriar-se, para enfrentar questões do presente, de conceitos do passado, pressupõe deles desapossar seus artifícios originais.⁵ É nessa quadra que buscamos interpretar os vínculos entre Mandel e Jameson.

No que tange a Jameson, tomaremos por referência, antes de mais, a obra *Pós-modernismo: a lógica cultural do capitalismo tardio*, publicada em 1991 (sem, no entanto, negligenciar a avaliação de outros textos que possam auxiliar-nos a compreender a apropriação do arsenal teórico de Mandel feita pelo autor).⁶ É nesse texto que, de forma mais sistematizada, o teórico norte-americano recorrerá às ferramentas conceituais do marxista europeu para fundamentar seu comentário à cultura de massas hodierna. Resultado de uma compilação de ensaios escritos por Jameson – seis dos dez capítulos do volume já haviam sido publicados antes, o primeiro em 1984 nas páginas da *New Left Review* –, o livro organiza-se como um mosaico, sendo o desenho da contemporaneidade traçado por Jameson o resultado de uma justaposição de leituras fragmentárias. Jameson cerca a temática do pós-modernismo por diversos flancos: a cultura, a ideologia, o vídeo, a arquitetura, as sentenças, o espaço, a teoria, a economia, o cinema. Não destrincharemos o esquema argumentativo de cada um dos ensaios; antes, procuraremos desenvolver uma interpretação sincrônica, que resgate o *leitmotiv* que atravessa a obra.

Nosso trabalho se articulará em três momentos: inicialmente, faremos uma breve introdução bio e bibliográfica a Jameson; em seguida, abordaremos o diálogo entre marxismo e pós-modernismo por ele proposto; finalmente, trataremos da incorporação por ele feita de elementos da obra teórica de Mandel – com ênfase na ideia de “capitalismo tardio”.

2. Vida e obra de Frederic Jameson

Jameson⁷ nasceu em Cleveland, Ohio, em 14 de abril de 1934. Graduou-se no Haverford College em 1954, realizando, logo em seguida, breve viagem à Europa (Ais de Provença, Munique e Berlim) com o objetivo de iniciar-se na filosofia. De volta aos Estados Unidos, defendeu, em 1960, sua tese de doutorado na Universidade de Yale, sob a orientação do célebre crítico literário Eric Auerbach. O trabalho de Jameson estabelecia correlações entre o estilo da escrita de Jean-Paul Sartre e as posições ideológicas por ele assumidas. Jameson rejeitava, em prol de um modelo alternativo de pensamento político, o empirismo e o positivismo lógico em voga no mundo acadêmico anglo-saxão. A conexão entre estética e política, cara a Auerbach, será uma constante nas pesquisas de Jameson.

Admitido como professor na Universidade de Harvard, Jameson deslocou seus estudos, no curso da década de 1960, do existencialismo ao marxismo. Simpático à Nova Esquerda, aos movimentos pacifistas e à Revolução Cubana, o autor começou a defender, à época, a interdependência entre base sócio-econômica e superestrutura – argumentando que só novas formas de pensamento poderiam preparar novos conteúdos políticos. Menos vinculado ao projeto marxista soviético – stalinista – que ao ocidental – de Lúkacs, Bloch, Adorno, Benjamin, Marcuse, Althusser e outros –, Jameson publicou, em 1971 (quando já lecionava na Universidade da Califórnia) *Marxismo e forma: teorias dialéticas de literatura do século XX*, um esforço no sentido de legitimar o marxismo como teoria da cultura.

Seu trabalho subsequente, intitulado *A prisão da linguagem*: um parecer sobre o estruturalismo e o formalismo russo, de 1972, defendia que, na apreciação de um objeto cultural, a perspectiva política deve constituir o horizonte absoluto de toda



leitura e de toda interpretação. É nessa esteira que se desenvolverão as obras publicadas por Jameson na década de 1970.

O inconsciente político: a narrativa como um ato social simbólico, de 1981, sedimentará os alicerces do materialismo dialético encampado por Jameson. Ao analisar as obras de Balzac, Gissing e Conrad, Jameson efetua uma reescritura política de textos literários, para apreender, neles, o reflexo da luta de classes. “Historicizar sempre!”: é este o adágio que, doravante, acompanhará as reflexões do autor.

Quando da publicação de *Pós-modernismo*, muitos acreditaram ter Jameson se desviado de seus interesses teóricos iniciais. Hoje, no entanto, resta claro que, nos esforços anteriores de Jameson por comprovar o potencial heurístico da tradição marxista na compreensão de obras de arte representativas de nossa era (em confronto, por exemplo, com o estruturalismo), já se encontrava prenunciada a ambição do autor de capturar, em um sistema especulativo omniabrangente, as características centrais da pós-modernidade.⁸

3. Fim das grandes narrativas? Diálogo entre Marxismo e Pós-modernismo

Pós-modernismo, tal como os trabalhos anteriores de Jameson, pode ser visto como uma tentativa de aprender a totalizar, reinscrevendo, na unidade da história universal, o que tendemos a encarar como particular e heterogêneo. Em suas lições, o professor Gonçal Mayos Solsona – da Universidade de Barcelona – defende que é a partir de 1973 que o discurso pós-moderno começa a construir definições globais do momento em que vivemos. Após uma sucessão de (nas palavras do

filósofo catalão) “pioneiros isolados” e “descobridores *malgré lui*”, vemos o despontar de autores que, tais quais os peregrinos calvinistas que se estabeleceram na Nova Inglaterra, pretendem “colonizar” o conceito de pós-modernismo, dele extraíndo um retrato completo de nosso período. Não se contentam mais em explorar regiões isoladas do terreno pós-moderno, desafiando-se, ao contrário, a mapear todo o campo simbólico da época. Jameson, como Lyotard, adequa-se plenamente a esse perfil.⁹

Com efeito, Jameson identifica o fim das grandes narrativas apregoado por Lyotard como um desafio ao marxismo (uma das grandes metanarrativas modernas), que precisa restituir, contra o pluralismo liberal, o olhar panóptico da consciência de classe. O autor condena a falsa ingenuidade do relativismo cultural, que, em sua retórica da diferença e da tolerância, desestimula tentativas de sistematização que seriam imprescindíveis a uma eficaz mobilização das massas.¹⁰ Nas palavras de Jameson: “a necessidade de evitar avaliações do sistema como um todo forma parte integral de sua própria organização interna assim como de suas várias ideologias” (JAMESON, 1997: 351). Jameson define semelhante fenômeno como “guerra à totalidade”, descrevendo-o nos seguintes termos:

Esse pluralismo absoluto e absolutamente aleatório – e talvez devesse ser este o único referente para o qual reservar este termo carregado, uma espécie de pluralismo-realidade –, uma coexistência nem mesmo de mundos múltiplos e alternativos, mas de estranhos conjuntos não-relacionados, e de sistemas subautônomos cuja superposição é mantida perceptualmente como os planos de fundo alucinógenos em um espaço de tantas dimensões é, é claro, o que é reduplicado pela retórica do descentramento (que

informa os ataques retóricos e filosóficos à “totalidade”). (JAMESON, 1997: 371)

Não é difícil entender os motivos pelos quais o diálogo entre marxismo e pós-modernismo empreendido por Jameson tornou-se objeto da crítica de representantes de uma e de outra corrente (MUSSE, 2015). Mesmo hoje, muitos marxistas veem o aparente irracionalismo relativista do pós-modernismo como uma manipulação burguesa.¹¹ Em seu entender, da Renascença à Primavera dos Povos – ou, o que é o mesmo, do humanismo italiano a Hegel –, a burguesia se encontraria investida no papel de motor da história, de representante dos interesses da totalidade do povo. Sua filosofia, portanto, trabalharia pelo progresso, sendo humanista, historicista e dialética. No entanto, após a conscientização do proletariado – por Marx –, convertido na nova força motriz que compele em direção ao futuro, a burguesia teria desenvolvido, ciosa por salvaguardar seus privilégios, uma filosofia que atua, não pelo progresso, mas pela reação, em um horizonte anti-humanista, anti-historicista e analítico, que pretende desacreditar a proposta moderna de emancipação do homem. Seria essa a *filosofia da decadência*, que, no pós-modernismo, atingiria sua expressão cabal.

Muitos pós-modernos, em contrapartida, encaram o marxismo como uma doutrina irremediavelmente ultrapassada, presa à mundivisão oitocentista. Em uma época que assume como dado a “morte do sujeito”, intelectuais como Michel Foucault (1999) verão a esperança marxista em uma consciência livre de alienações como o último resquício da metafísica. Na argumentação de tais autores, mais que um ente transhistórico que, em virtude da luta de classes, se sujeita às intempéries do poder, a subjetividade é, ela própria, *produto* de forças históricas e energias sociais. Assim, a crença de que, subjacente às diferentes representações do homem

formuladas no correr do tempo, haveria uma *essência* humana clamando por emancipação, se configuraria em um engodo. Ao intelectual, nesse contexto, seria atribuída a missão, não de atuar como consciência universal – artífice de críticas ideológicas destinadas à libertação da humanidade como um todo –, mas como estrategista que, face a relações contingentes de poder, conceberia ferramentas igualmente contingentes para garantir a autonomia de grupos vulneráveis.

Dessa maneira, a tarefa, assumida por Jameson, de traduzir o pós-modernismo em categorias marxistas – e, em contrapartida, de traduzir o marxismo em conceitos pós-modernos – será recebida com enorme desconfiança. Parafraseando a célebre sentença de Marx a propósito da religião, poderíamos dizer que, na concepção de Jameson, a miséria do discurso pós-moderno constitui ao mesmo tempo a *expressão* da miséria real e o *protesto* contra a miséria real. Na leitura do autor, a pós-modernidade é a *textura* e a *estrutura* do tempo presente. Em uma era na qual – como entende Jameson – perdeu-se a capacidade de pensar historicamente, incorporar conceitos desenvolvidos pela “esquizofragmentação” da filosofia pós-moderna é fundamental para que se alcance uma nova totalização. Apenas interlocuções dessa natureza serão capazes de combater a “perda da historicidade” que caracteriza a fase histórica em que nos encontramos. Em artigo destinado a justificar seus esforços em combinar marxismo e pós-modernismo, o autor afirma:

Ocasionalmente, o slogan “pós-modernismo” me cansa tanto quanto a todos os demais, mas quando me sinto tentado a reclamar de minha cumplicidade com ele, a lamentar seus usos impróprios e a concluir com alguma relutância que ele resulta em mais problemas que solução, paro para pensar que outro conceito seria



capaz de dramatizar a questão de maneira tão eficaz e econômica. “Temos de dar nome ao sistema”: esse ponto crucial dos anos sessenta ressurgiu inesperadamente no debate pós-moderno. (JAMESON, 1994: 56)

Se o marxismo é a *filosofia do presente*, deve ser capaz de dar conta da cena pós-moderna. Dentre as inúmeras características que Jameson divisa nas brumas da contemporaneidade, ganha relevo a “ausência de sentido histórico” – o que torna absolutamente urgente o resgate da cosmovisão marxista. Para Jameson, o tempo é abolido na pós-modernidade, e suplantado pelo espaço. Todas as estruturas estáveis são problematizadas, e sobrevivem apenas como *pastiches* de formas do passado. As novas subjetividades construídas no mundo globalizado têm como pilar o *presente* e o *corpo*. Para Jameson, um elemento correlacionado à “perda da historicidade” é a ênfase na *singularidade*, no evento irrepitível (ênfase que recupera, em novos marcos, o problema escolástico dos universais, a querela medieval entre realismo e nominalismo). No mundo acadêmico, a conceitualização do novo *Zeitgeist* se dará por uma filosofia antiessencialista, antifundacionista, construtivista e historicista/relativista, que denuncia categorias gerais (pretensamente universalizáveis, válidas para todos os homens) como estratégias de opressão das minorias (desviantes), tentativas de homogeneização, imposição de normas hegemônicas sobre a *diversidade*. A volta a Mandel será guiada por um esforço para elaborar um “mapeamento cognitivo” (expressão cara a Jameson) dessa conjuntura.¹²

4. Do Capitalismo tardio ao Pós-modernismo

1. Vida e obra de Ernest Mandel

Segundo Jameson, o despertar de seu “sono dogmático canônico” – que o levou a atentar para a necessidade de construir, em resposta a um capitalismo pós-moderno, uma teoria marxista pós-moderna –¹³ deve ser atribuído à influência do sociólogo francês Jean Baudrillard e, sobretudo, de Ernest Mandel.¹⁴ De fato, já no subtítulo do livro de Jameson que aqui nos propusemos a analisar é possível apreender a influência de Mandel. É ao economista (alemão radicado na Bélgica) que Jameson deve a expressão “capitalismo tardio”.¹⁵

Os pais de Mandel eram judeus poloneses, e, perseguidos na Alemanha, refugiaram-se na Bélgica – onde tornaram sua casa um ponto de encontro para refugiados socialistas. Mandel teve, desde a juventude, contato com movimentos socialistas – aos 16 anos, ingressou na sessão belga da Quarta Internacional (fundada por Trotsky), e, em 1946, tornou-se Secretário Internacional da organização. Após ser expulso do Partido Socialista Belga, fundará o Partido Socialista Operário – pugnando por uma via alternativa tanto à social-democracia quanto à ditadura soviética. Os vínculos de Mandel com o trotskismo serão permanentes. Como líder revolucionário e intelectual, Mandel sempre rejeitou o burocratismo, que considerava inerente ao regime de Stalin. Com efeito, o autor chegará a dizer que stalinismo e socialismo representariam forças incompatíveis. Por participar da resistência ao nazismo, Mandel foi para a prisão em três momentos – conseguindo escapar em todas elas.¹⁶

Para Mandel, a produção teórica é parte inseparável da luta de classes. Influenciado por Rosa Luxemburgo, defenderá a compatibilidade entre socialismo e democracia – compatibilidade que, a seu juízo, restará comprovada pela Revolução dos Cravos, no Portugal de 1974. Combatia, antes de mais, a natureza “inumana” do capitalismo – e acreditava que o socialismo, como processo de progressiva humanização das relações sociais, era a única alternativa à barbárie. Conhecido em vários círculos militantes, o economista só conquistará, no entanto, alguma projeção acadêmica a partir de 1968 – quando passa a ministrar conferências em várias universidades europeias. Já havia escrito, então, algumas obras – parte de caráter didático, voltadas à formação política da classe trabalhadora (é o caso de *Introdução ao marxismo*), e parte de natureza especulativa, em que defende a aplicabilidade do materialismo histórico e dialético como método de análise (é o caso de *A formação do pensamento econômico de Karl Marx* e de *Tratado de economia marxista*). Mandel terá grande impacto sobre a nova esquerda revolucionária, ligada a movimentos de descolonização e de luta contra o imperialismo (a Frente Sandinista na Nicarágua, por exemplo). Em 1972, na Universidade Livre de Berlim, o autor defenderá sua tese, intitulada *O capitalismo tardio: uma tentativa de explicação marxista*.¹⁷ Mandel considerará este o seu *magnum opus*.

Avesso a abstrações, Mandel entendia o marxismo, não como um sistema doutrinal acabado, mas como uma metodologia. Ao marxista acadêmico caberia, não demonstrar domínio erudito da produção livresca relacionada ao materialismo histórico, mas empregar o instrumental marxiano no enfrentamento de problemas concretos do tempo presente. É necessário repetir, não os *enunciados* de Marx, mas seu *exemplo*: o que implica, entre outras coisas, rejeitar dogmas e mostrar-se aberto à interlocução com

todas as ciências sociais – sem deixar, obviamente, de tomar a economia política como eixo central de análise. Essa perspectiva lançará Mandel ao encaço de uma nova *síntese* dialética que sirva para explicar a dinâmica do capitalismo do Pós-Guerra – entendendo que, embora válidas para pensar seus próprios períodos históricos, as sínteses oferecidas por Marx e, posteriormente, por Lenin já se encontrariam obsoletas, com o fim da era dos impérios e o início da era dos extremos.¹⁸ A busca, em um Ocidente cindido, fragmentado e contraditório, por um roteiro teórico que possibilite uma compreensão integrada e conglobante de nossa época talvez seja o principal ponto, em Mandel, que influenciou as reflexões de Jameson.

2. O capitalismo tardio

Mandel propõe, na obra *O capitalismo tardio*, que a história do capitalismo pode ser dividida em três fases: a primeira, do capitalismo de livre concorrência; a segunda, do imperialismo; e a terceira, do capitalismo tardio. A primeira fase se basearia na exploração de regiões agrícolas por regiões industrializadas, regiões subdesenvolvidas por regiões desenvolvidas, e ocorreria, prioritariamente, no interior das fronteiras nacionais. A segunda fase, por sua vez, se fundamentaria na exploração de colônias e semicolônias por metrópoles, desenrolando-se, pois, em um cenário internacional de concorrência entre impérios na busca por monopólios. A terceira fase, por fim, estaria calcada na exploração de ramos de produção tecnologicamente menos desenvolvidos por setores dinâmicos, com potencialidade para a inovação tecnológica, florescendo em um cenário de globalização.

O livro de Mandel pretende ser, face ao capitalismo tardio, o que *O capital* de Marx foi em relação ao capitalismo de livre concorrência, e *O imperialismo*, fase superior do capitalismo, de Lenin, foi ante o



imperialismo. Rejeitando teses como a da “sociedade pós-industrial” e a da “sociedade do consumo”, o autor acredita que o Pós-Guerra assistiu a uma industrialização generalizada universal, propulsão pela terceira revolução tecnológica. Referido processo teria, para Mandel, transformado a ciência e a tecnologia (a invenção) em um negócio capitalista sistematicamente organizado. A partir de então a cultura – compreendida em sentido lato – se torna a mais cobiçada dentre as mercadorias. Doravante – é esse o ponto nodal da teoria do economista – todo o processo de educação estaria submetido a uma supercapitalização, polarizado para atender à lógica do mercado:

Filmes e documentários de televisão tomam o lugar dos livros e dos jornais. A ‘lucratividade’ das universidades, academias de música e museus começa a ser calculada da mesma forma que a das fábricas de tijolos ou de parafusos. (MANDEL, 1982: 272)

Nesse contexto, o especialista, mão de obra qualificada, toma o lugar do homem “educado”, visto agora como diletante.¹⁹ Para Mandel, a terceira fase do capitalismo constitui-se em um momento de crise estrutural, posto que aprofunda as principais contradições da sociedade burguesa. É uma era na qual o aumento da informação gera alienação, e o desenvolvimento da produção (em virtude da automação e da cibernética) conduz à carestia.²⁰ Principal responsável pela introdução da teoria dos ciclos econômicos na órbita do pensamento marxista, Mandel descreverá o capitalismo tardio como um “longo ciclo de estagnação”.

Elaine Rossetti Behring destaca os elementos essenciais que compõem a

descrição do capitalismo tardio feita por Mandel:

[...] o forte deslocamento do trabalho vivo pelo trabalho morto; a perda ainda maior da importância do trabalho individual, a partir de um amplo processo de integração da capacidade social de trabalho; a mudança da proporção de funções desempenhadas pela força de trabalho no processo de valorização, de criar e preservar valor; as mudanças nas proporções entre criação de mais-valia na própria empresa e aquelas geradas em outras empresas; o aumento no investimento em equipamentos; a diminuição do período de rotação do capital; a aceleração da inovação tecnológica com fortes investimentos em pesquisa; e, por fim, uma vida útil mais curta do capital fixo e a consequente tendência ao planejamento (controle dos riscos). (BEHRING, 2015, p. 47)

É no trabalho de Mandel que Jameson encontra uma ponte que o permite conectar marxismo e pós-modernismo. De forma esquemática, poderíamos dizer que, com *Pós-modernismo*, o crítico cultural estadunidense procura desbravar a superestrutura do capitalismo tardio, cuja base sócio-econômica é sedimentada pelo incessante fomento à inovação. Contra a hipervalorização das micro-narrativas, Jameson fará do conceito de capitalismo tardio a agulha com a qual costurará, em uma única colcha, os inúmeros retalhos que constituem a *Denkenform* da contemporaneidade. A própria ânsia pós-moderna pela plurivocidade poderia, nesse quadro, ser representada como uma manifestação das novas relações de produção. Porém, Jameson fará inúmeras “retificações” à teoria de Mandel, dela apropriando-se para seus próprios fins. Os dois tópicos seguintes apontam duas diferenças capitais

no uso que Mandel e Jameson fazem do conceito de capitalismo tardio.

3. Falência ou concretização da utopia modernizadora?

Jameson acolhe a tese de Mandel relativa a três fases históricas do capitalismo – e defende, dando um passo à frente do economista belga, que a cada uma dessas fases corresponderia uma diferente superestrutura, um horizonte cultural diverso. O capitalismo de mercado do primeiro estágio seria a base econômica (infraestrutural) do *realismo*, nas artes plásticas, na literatura e na filosofia. O modernismo, por sua vez, seria o corolário ideológico do segundo estágio, o capitalismo imperialista (monopolista). Finalmente, o capitalismo tardio, multinacional, globalizado, teria sua expressão estética, intelectual e política no pós-modernismo. Dessa forma, para Jameson, o capitalismo tardio é a realidade econômica que subjaz à pós-modernidade.

A expressão “capitalismo tardio” pode – vale ressaltar – conduzir a interpretações equivocadas. Nem Mandel nem Jameson pretendem, com ela (*Spätkapitalismus*, em alemão, e *late capitalism*, em inglês), referir-se a um modo de produção “senil”, “crepuscular”, que se encontraria em seu estágio final de desenvolvimento. Não há, pois, nesses autores, nenhum compromisso com profecias relacionadas ao *fim da história*. Em textos posteriores, Mandel sugerirá, mesmo, a substituição de “capitalismo tardio” por “neo-capitalismo”, ou, ainda, por “terceira era do capitalismo” – para enfatizar a ausência de vínculo com qualquer filosofia escatológica da história.

Porém, é fato que, tanto aos olhos de Mandel quanto de Jameson, o capitalismo tardio assistiu ao desenvolvimento (e à saturação) das potencialidades do capital. Como o intelectual Marshal Berman (1986) já salientou, o marxismo é um modernismo.

O *Manifesto comunista* talvez seja o maior panegírico já escrito em honra à *modernização* – e à classe que a conduziu, qual seja, a burguesia (MARX; ENGELS, 2005). É notável o esforço de Marx e Engels para diferenciar uma crítica progressista (o socialismo científico) e uma crítica reacionária (o mito romântico da Era das Catedrais, a nostalgia da aldeia e da tribo pré-capitalistas, cultivada pela aristocracia feudal remanescente, pelo clero e pela pequena burguesia) à Modernidade. Em seu entender, trata-se de conservar e superar os avanços do capitalismo face à estrutura sócio-econômica das sociedades tradicionais. Não repudiam o domínio da natureza pelo trabalho organizado, trunfo da tecnociência moderna – procuram, antes, aprofundá-lo. Se a burguesia representou, por séculos, uma força modernizadora (progressista), sucumbiu, no entanto, às contradições do regime que criou. As expectativas de emancipação do homem levantadas pelo capitalismo não poderiam ser cumpridas pelo próprio capitalismo. O capitalismo traz a promessa de um mundo criado à imagem e semelhança do homem – expressão de seus poderes demiúrgicos.²¹ Contudo, a máquina, o veículo de emancipação, se autonomizou (qual Moloch, no filme *Metrópolis*, de Fritz Lang), patrocinando um sistema que, embora reconhecidamente criado pelo homem (e não dado por Deus), não se coloca a serviço do homem. O que está em jogo, no *Manifesto comunista*, é a necessidade de caminhar em direção a uma nova etapa na realização da ideia de liberdade.

Ora, para Mandel, é no capitalismo tardio que se explicita plenamente a incapacidade da burguesia para realizar seu projeto de Modernidade.²² O Pós-Guerra demarcaria o término da (nas palavras de Mandel) “função civilizatória do capital”. O esgotamento de suas potencialidades lança o sistema em uma crise insanável, de todos os pontos de vista – cultural incluso. Daí o



advento de ideologias delusivas e escapistas, admissão do fracasso do burguês em levar adiante a utopia modernizadora – de emancipação, passagem (para recuperar a sintaxe kantiana) da Menoridade à Maioridade, por meio do Esclarecimento. Se o capitalismo ainda sobrevive, é em uma forma degradada.

Para Jameson, em contrapartida, a pós-modernidade tem início, precisamente, no momento em que a modernização se *completa*: hoje, todos residem em centros urbanos, pertencem às classes médias, são consumidores e desempregados. A autêntica missão da Modernidade se concretizou, abrindo espaço para uma nova etapa de organização do capital. À diferença de Mandel, é nos movimentos de descolonização ocorridos na década de 1950 que Jameson vê o começo da terceira fase do capitalismo. O fenômeno da globalização (que, no livro de Mandel, não tem destaque, posto que ingressa no temário da intelectualidade europeia fundamentalmente a partir dos anos 1980 e 1990) é central na compreensão de Jameson acerca do capitalismo tardio.

4. O giro cultural de Jameson

A supercapitalização é uma das principais características dessa nova era. Para continuar se expandindo, o sistema busca novos nichos de valorização, isto é, novos domínios do mundo da vida que possam ser mercantilizados, transformados em *produtos*. Até bens espirituais (religião, arte), no capitalismo tardio, são convertidos em objetos de consumo.²³ Em contrapartida, bens materiais são permanentemente *fetichizados*, investidos de significação espiritual. Nós não apenas os *utilizamos*, mas os *consumimos*, em seu valor simbólico. Esse ponto será central no panorama do pós-modernismo traçado por Jameson.

Como o poeta paulistano Ferréz disse certa feita, “a diferença dos medíocres é que eles sabem capitalizar no caos”. A conversão da cultura em valor de mercado é um indicativo da degradação experienciada pela contemporaneidade. Zizek defenderá, mesmo, que até virtudes morais – como a caridade e a consciência social – foram, no capitalismo tardio, reduzidos a mercadoria: forças que poderiam dinamitar a lógica da sociedade de consumo, mas terminaram por ser adestradas e pasteurizadas (KUL-WANT; PIERO, 2013).

Ora, em um mundo no qual a cultura se mercantiliza e o mercado se acultura, a própria distinção entre superestrutura e base socioeconômica resta obsoleta. Como aponta Jameson:

Hoje a cultura tem um tal impacto na realidade que torna problemática qualquer forma de realidade não-cultural ou extracultural (numa espécie de princípio de Heisenberg da cultura de massa, que intervém entre nossos olhos e as coisas em si). (JAMESON, 1997: 283 e 284).

Esmiuçando o tropo, Jameson dirá, em texto posterior:

[...] nesse novo estágio a própria esfera da cultura se expandiu, passando a ter os mesmos limites que a sociedade de mercado, de modo tal que o cultural não é mais limitado pelas suas formas antigas, tradicionais ou experimentais, mas é consumido ao longo da própria vida cotidiana, nas compras, nas atividades profissionais, nas várias formas de lazer freqüentemente televisivas, na produção para o mercado e no consumo daqueles produtos mercadológicos, enfim, nos ângulos e dobras mais secretos do cotidiano. (JAMESON, 2006: 182)

No capitalismo financeiro – à diferença da “produção à moda antiga” (*old fashioned production*) –, superestrutura e base teriam se interpenetrado. A “alta cultura” já não mais existe, pois a “cultura de massas”, mercantilizada, espalhou-se por todas as esferas da vida cotidiana. Para Jameson – e aqui se situa outro ponto de discordância em relação a Mandel –, a única maneira de o marxismo responder a isso é deslocando o centro de suas reflexões, da economia política para a crítica cultural. O marxismo ocidental possui longa tradição de crítica cultural (o nome de Antonio Gramsci, evidentemente, avulta, no seio dessa tradição); porém, esta sempre esteve condicionada aos estudos econômicos. Ao propor que, no capitalismo tardio, estaria ultrapassada a diferenciação entre base e superestrutura, Jameson coloca-se em acordo com o *giro cultural* pelo qual passaram as Humanidades na pós-modernidade, e faz do marxismo (admita ou não) um *culturalismo*.

5. Conclusão

Ao término de nossa exposição, pode ser de algum proveito recuperar as ponderações introdutórias acerca da noção de *influência*. É notória a influência que a leitura da obra *O capitalismo tardio*, de Mandel, exerceu sobre Jameson na elaboração dos artigos que compõem *Pós-modernismo*. Jameson compartilha com Mandel a crença de que é preciso “totalizar”, erigir narrativas que expliquem globalmente a marcha da história. É a partir de seu contato com a obra de Mandel que atentar-se-á para a necessidade de construir “mapeamentos cognitivos” que nos situem nos labirintos de nossa era. O marxismo ocidental se distribui em incontáveis correntes doutrinárias, e, no curso de sua trajetória intelectual, Jameson dialogou com diversas delas – tendo publicado trabalhos sobre vários pensadores de esquerda, como Adorno (JAMESON, 1996). Entretanto, dentre as

inúmeras versões do materialismo dialético que competem pela paternidade de Jameson, o aporte de Mandel se sobressai. O teórico importa, do economista belga, a periodização tricotômica do capitalismo, assumindo e aperfeiçoando a descrição por ele feita do mercado mundializado. Reivindica para si, desse modo, o legado de Mandel, sua proposta de síntese da contemporaneidade.

Entretanto, não devemos esperar nenhuma obrigação filial da parte de Jameson, nenhuma fidelidade paroquiana. A influência não torna “normativo” o autor clássico. Ao adotar o conceito de capitalismo tardio, Jameson tem alvos muito diversos dos visados por Mandel. Apesar de escrever na década de 1970, Mandel tem em vista a conjuntura imediatamente posterior à Segunda Guerra Mundial. Conquanto fosse virulamente anti-stalinista, sequer vislumbrava a possibilidade de o bloco soviético ruir – e nele encontrava, apesar dos pesares, uma barreira de contenção que impedia a hegemonia absoluta do capital. Tinha, mesmo, a esperança (embora, ressalvemos ainda uma vez, despida de qualquer escatologia) de que a deterioração total do modo de produção em vigor viria nessa terceira fase, de derradeira crise. Quando reabilita o conceito de capitalismo tardio, Jameson já contempla a progressiva erosão do mundo comunista – as grandes corporações e o capital especulativo já se disseminaram, ultrapassando todas as fronteiras. O neoliberalismo procura impôr-se como ideologia dominante – e o pós-modernismo, encampando, por vezes, uma postura de niilismo hedonista, surge como seu encômio. Os interlocutores de Jameson não são, assim, os de Mandel: já suspeitam que, longe de esgotar a economia de mercado, a crise a alimenta. Logo, a recepção que o escritor estadunidense fará das teorias de Mandel será crítica e seletiva.



Ademais, ainda que Mandel frisasse, em seu trabalho, a colonização da cultura (veículos de comunicação, escolas, museus etc.) pelo mercado, não acompanharia Jameson em seu giro cultural. O foco de Mandel segue sendo a economia política, tendo a crítica cultural papel complementar (periférico, embora não marginal). Nesse sentido, é moderno, não *pós-moderno*. É Jameson quem, explorando as considerações de Mandel a respeito da supercapitalização do mundo simbólico no capitalismo tardio, chegará à conclusão de que a crítica cultural deve ocupar, doravante, o coração da filosofia marxista. É assentado em seu próprio (para valermo-nos da terminologia gadameriana) “horizonte de compreensão”²⁴ que Jameson enfrenta a obra de Mandel. Não fosse o fato de viver em um mundo marcado pelo discurso pós-moderno – que dissolve as diferenças entre texto e contexto, fato e interpretação – o passo dado por Jameson, do porão ao sótão (da base econômica à superestrutura, das relações materiais de produção aos valores culturais) seria absolutamente impensável.

Referências bibliográficas

- ACHCAR, Gilbert (Org.). *The legacy of Ernest Mandel*. London; New York: Verso, 1999.
- ANDERSON, Perry. *As origens da pós-modernidade*. Tradução de Marcus Penchel. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1999.
- ANTUNES, Ricardo. *Adeus ao Trabalho?* Ensaio sobre as metamorfoses e a centralidade do mundo do trabalho. Cortez Editora, 1999.
- BEHRING, Elaine Rossetti. Ernest Mandel: imprescindível. *Revista Em*
- Pauta*, Rio de Janeiro, n. 35, v. 13, 1º semestre de 2015, p. 47.
- BERMAN, Marshal. *Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da Modernidade*. Tradução de Carlos Felipe Moisés, São Paulo: Companhia das Letras, 1986.
- BLOOM, Harold. *A angústia da influência: uma teoria da poesia*. Tradução de Marcos Santarrita. Rio de Janeiro: Imago, 2002.
- BUCHANAN, Ian. *Fredric Jameson: live theory*. London; New York: Continuum, 2006.
- COUTINHO, Carlos Nelson. *O estruturalismo e a miséria da razão*. São Paulo: Editora Expressão Popular, 2010.
- FOUCAULT, Michel. *A verdade e as formas jurídicas*. Rio de Janeiro: NAU Ed., 1999.
- GODOY, Vinícius Oliveira. Influência nas artes visuais: análise crítica de seus principais estudos, usos e desusos. *Tabuleiro das Letras – Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens, Universidade do Estado da Bahia, Salvador*, n.5, p. 1 a 22, dezembro de 2012.
- HABERMAS, Jürgen. A Modernidade: um projeto inacabado? Tradução: Nuno Ferreira Fonseca, 1980. *Crítica - Revista do Pensamento Contemporâneo*, n° 2, novembro 1987, pp 5-23.
- HOMER, Sean. *Fredric Jameson: Marxism, hermeneutics, postmodernism*. Cambridge, Polity Press, 1998.
- JAMESON, Fredric. *Espaço e imagem: teorias do pós-moderno e outros ensaios*. Tradução de Ana Lúcia

Do Capitalismo tardio ao Pós-modernismo: a influência de Mandel sobre Jameson

- Almeida Gazolla. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1994.
- JAMESON, Fredric. *O marxismo tardio: Adorno, ou a persistência da dialética*. Tradução de Luiz Paulo Rouanet. São Paulo: Editora da UNESP, 1996.
- JAMESON, Fredric. *Pós-modernismo: a lógica cultural do capitalismo tardio*. Tradução de Maria Elisa Cevasco. São Paulo: Ática, 1997.
- JAMESON, Fredric. *A virada cultural: reflexões sobre o pós-modernismo*. Tradução de Carolina Araújo. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.
- KUL-WANT, Christopher; PIERO (ilustrador). *Entendendo Slavoj Žižek: um guia ilustrado*. Tradução de Adriana de Oliveira. São Paulo: LeYa, 2013.
- MANDEL, Ernest. *O capitalismo tardio*. Tradução de Carlos Eduardo Silveira Mato, Regis de Castro Andrade e Dinah de Abreu Azevedo. São Paulo: Abril Cultural, 1982. (Coleção Os economistas).
- MAYOS, Gonçal. *L'alienació postmoderna*. Barcelona: DeBarris, 2008.
- MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. *Manifesto comunista*. Tradução de Álvaro Pina. São Paulo: Boitempo Editorial, 2005.
- MUSSE, Ricardo. O debate marxista sobre a pós-modernidade. *Revista Z Cultural*, Rio de Janeiro, ano VIII, v. 03.
- NITRINI, Sandra. *Literatura comparada: história, teoria e crítica*. São Paulo: Edusp, 1997, p. 125 e 126.
- NÓBREGA, Thelma Médici. Transcrição e hiperfidelidade. *Cadernos de Literatura em Tradução*, São Paulo, n. 7, p. 249 a 255, 2006.
- PAGLIA, Camille. *Imagens cintilantes: uma viagem através da arte desde o Egito a Star Wars*. Tradução de Roberto Leal Ferreira. Rio de Janeiro: Apicuri, 2014, p. 147.
- SALVI, Rosana Figueiredo. Movimento pós-moderno e cultura: periodizando e discutindo suas fases. *Semina: Ciências Humanas e Sociais*. Londrina, v. 23, p. 79 a 92, setembro de 2002.
- ZIZEK, Slavoj. *Elogio da intolerância*. Tradução de Miguel Serras Pereira. Lisboa: Relógio d'Água, 2006.



Resumo: O presente artigo objetiva investigar a influência de Ernest Mandel sobre Fredric Jameson. O texto estabelece paralelos entre o conceito de capitalismo tardio desenvolvido por Mandel e o retrato do pós-modernismo proposto por Jameson. Em um primeiro momento, o artigo apresenta a vida e obra de Jameson e recupera o debate entre marxismo e pós-modernismo. Em um segundo momento, o trabalho aborda a vida e a obra de Mandel. Em um terceiro momento, nós analisamos as semelhanças e as diferenças entre os projetos do escritor norte-americano e do economista belga.

Palavras-chave: Fredric Jameson; Ernest Mandel; capitalismo tardio

Abstract: *The following article aims to investigate the influence of Ernest Mandel on Fredric Jameson. The text draws parallels between the concept of late capitalism developed by Mandel and the picture of the post-modernism proposed by Jameson. At first, the article presents the life and work of Jameson and retrieves the debate between Marxism and postmodernism. In a second step, the paper discusses the life and work of Mandel. In a third step, we analyze the similarities and differences between the proposals of the American writer and the Belgian economist.*

Keywords: *Fredric Jameson; Ernest Mandel; late capitalism*

* **Philippe Oliveira de Almeida** é professor adjunto de Filosofia do Direito na Faculdade Nacional de Direito, Universidade Federal do Rio de Janeiro e pós-doutor na Universidade Federal de Minas Gerais. É Doutor em Direito pela Universidade Federal de Minas Gerais. Mestre e Bacharel em Direito pela mesma instituição. Bacharel em Filosofia pela Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia.

Notas

¹ Em seus primeiros ensaios sobre a temática, Jameson se valia do termo ‘pós-modernismo’. Hoje, por entender que não se trata apenas de um *estilo* artístico ou filosófico, mas de um *estágio* da cultura, o autor prefere empregar ‘pós-modernidade’. Neste artigo, utilizaremos, indiscriminadamente, um termo ou outro – bem como correlatos (‘sociedade pós-moderna’ etc.), sublinhando, apenas, que em todos os casos estamos nos referindo a um período histórico, e não a uma tendência adstrita a um ramo do saber. A propósito, recomendamos a palestra ministrada por Jameson no projeto Café Filosófico, em Campinas, no ano de 2011, intitulada *Tendências culturais contemporâneas*, e que se encontra disponível no endereço eletrônico <<https://www.youtube.com/watch?v=swahVqgpWxs>>, acessado em 30 de maio de 2019.

² A crítica ao conceito de *influência* – e a tentativa de substituí-lo por outros, como os de “tradição” e “intertextualidade” – inicia-se nos estudos de teoria da literatura comparada, e dissemina-se por diversos campos das Humanidades. Sobre a centralidade que o debate em torno do conceito ganhou nos estudos de Literatura Comparada, os apontamentos de Sandra Nitrini são **elucidativos**: “Por mais amplo que se desenhe seu campo de estudos, no entanto, e por mais variadas que sejam as opiniões de especialistas sobre o objeto, o método e a finalidade da literatura comparada, uma questão medular congrega todas as discussões em torno do conceito de influência. Seja para afirmá-la, seja para negá-la, seja para transformá-la, seja para substituí-la por um novo conceito, como o da ‘intertextualidade’, seja para renová-la dentro do contexto da teoria da estética da recepção”. (NITRINI, 1997, p. 125 e 126). Uma reflexão sobre a trajetória histórica do termo no âmbito das artes pode ser encontrada em GODOY, 2012.

³ ‘Serendipidade’ é um anglicismo, derivado de ‘*serendipity*’, e remete ao ato de fazer uma descoberta de maneira imprevista. O termo ‘*serendipity*’ foi cunhado pelo escritor britânico Horace Walpole em 1754, no conto *Os três príncipes de Serendip*. Na história, três príncipes do Ceilão eram, reiteradamente, surpreendidos com descobertas acidentais, mas que terminavam por solucionar dilemas que estavam enfrentando, Vale notar que Serendib é o nome que comerciantes árabes deram ao Sri Lanka. O conceito de ‘serendipidade’ acabou sendo reaproveitado por historiadores e sociólogos da ciência, para explicar a dinâmica subjacente a certas descobertas científicas.

⁴ Uma análise do ato de transcrição nas traduções de Haroldo de Campos (calcadas em uma dialética de aproximação e distanciamento face ao texto original) pode ser encontrada em NÓBREGA, 2006.

⁵ Uma proposta de utilização pós-tradicional da noção de *influência* pode ser encontrada em BLOOM, 2002.

⁶ Valeremo-nos da seguinte edição: JAMESON, Fredric. *Pós-modernismo: a lógica cultural do capitalismo tardio*. Tradução de Maria Elisa Cevalco. São Paulo: Ática, 1997.

⁷ Os dados biobibliográficos aqui colacionados foram extraídos, fundamentalmente, das obras: BUCHANAN, 2006; e HOMER, 1998. Consultamos, ainda, os endereços eletrônicos <<http://prelectur.stanford.edu/lecturers/jameson/>> e <http://en.wikipedia.org/wiki/Fredric_Jameson>, acessados em 30 de agosto de 2018. O prefácio à edição de *Pós-modernismo* que utilizamos, escrito por Iná Camargo Costa, também serviu-nos de referência.

⁸ Sobre a recepção das concepções de Jameson acerca do pós-modernismo, recomendamos a introdução escrita pela professora Ana Lúcia Almeida Gazolla a JAMESON, 1994.

⁹ Um relato histórico da gênese do conceito de ‘pós-modernismo’ é fornecido por ANDERSON, 1999. Um esforço para demarcar a evolução histórica do movimento pós-moderno pode ser encontrada em SALVI, 2002. Uma crítica ao ideário pós-moderno – em uma tentativa de reconstrução das meta-narrativas, abortadas pelo pós-modernismo – é desenvolvida em MAYOS, 2008.

¹⁰ Teoria similar será desenvolvida pelo filósofo esloveno Slavoj Žižek, que, tal como Jameson, parte de um marxismo heterodoxo. Cf. ŽIZEK, 2006.

¹¹ Leitura emblemática, nesse sentido, pode ser encontrada no posfácio escrito por José Paulo Netto a COUTINHO, 2010.

¹² Jameson faz uma exposição sumária dessas características em conferência ministrada em Porto Alegre no ano 2011, intitulada *A estética da singularidade*, no projeto Fronteiras do Pensamento, disponibilizada no endereço eletrônico <<https://www.youtube.com/watch?v=QpAFiUpo8zk>>, acessado em 10 de janeiro de 2015.

¹³ Sobre a morte e a vida do marxismo na pós-modernidade, recomendamos a leitura do artigo “O marxismo realmente existente”, publicado em JAMESON, 1994.

¹⁴ Braudillard e Mandel exerceriam, para o Jameson de *Pós-modernismo*, o mesmo papel que Hume exerceu para o Kant das três críticas. Os dois autores, em conjunto, o teriam libertado do pensamento dogmático – se, em Kant, este se cristalizava na metafísica de Wolff, em Jameson se apresentará na figura da ortodoxia marxista, engessada em fórmulas gastas.



¹⁵ Em comunicação intitulada *Revisitando o marxismo de Ernest Mandel* (apresentada no VII Colóquio Internacional Marx e Engels, promovido, em 2012, pelo Centro de Estudos Marxistas da UNICAMP), Nelson Nei Granato Neto elenca cinco contribuições do autor belga à teoria econômica marxista: “a crítica à tese de empobrecimento absoluto da classe trabalhadora, a progressão do trabalho manual para o trabalho intelectual no capitalismo, a teoria marxista das ondas longas, o conceito de capitalismo tardio e a teoria da inflação permanente” [o texto encontra-se disponível, na íntegra, no endereço eletrônico <http://www.ifch.unicamp.br/formulario_cemarx/selecao/2012/trabalhos/6419_Neto_Nelson%20Nei.pdf>, acessado em 15 de abril de 2019]. Destes elementos, apenas o conceito de capitalismo tardio terá maior reverberação nos escritos de Jameson.

¹⁶ O documentário francês *Ernest Mandel: a life for the revolution*, dirigido em 2005 por Chris Den Hond, constitui-se em uma excelente iniciação à trajetória do pensador marxista. O material encontra-se disponibilizado, na íntegra, no endereço eletrônico <<https://www.youtube.com/watch?v=LXFFcJQSLrk>>, acessado em 9 de janeiro de 2016.

¹⁷ Publicado em português como MANDEL, Ernest. *O capitalismo tardio*. Tradução de Carlos Eduardo Silveira Mato, Regis de Castro Andrade e Dinah de Abreu Azevedo. São Paulo: Abril Cultural, 1982. (Coleção Os economistas).

¹⁸ Dois artigos são fundamentais para a compreensão dos propósitos que Mandel tinha ao formular o conceito de capitalismo tardio: são eles *Late Capitalism: Mandel's Interpretation of Contemporary Capitalism*, de Jesús Albarraçín e Pedro Montes, e *After the Golden Age: On Late Capitalism*, de Michel Husson. Ambos os textos encontram-se publicados em ACHCAR, 1999.

¹⁹ Ricardo Antunes analisa, da perspectiva da sociologia, a importância adquirida pelo especialista – e pelo trabalho qualificado – em um período de prevalência do modelo toyotista. Cf. ANTUNES, 1999.

²⁰ Nas palavras de Mandel: “A pior forma de desperdício, inerente ao capitalismo tardio, jaz no mau uso das forças de produção humanas e materiais existentes; em vez de serem usadas para o desenvolvimento de homens e mulheres livres, são cada vez mais empregadas na produção de coisas inúteis e perniciosas. Todas as contradições históricas do capitalismo estão concentradas no caráter duplo da automação. Por um lado, ela representa o desenvolvimento aperfeiçoado das forças materiais de produção, que poderiam, em si mesmas, libertar a humanidade da obrigação de realizar um trabalho mecânico, repetitivo, enfadonho e alienante. Por outro lado, representa uma nova ameaça para o emprego e o rendimento, uma nova intensificação da ansiedade, a insegurança, o retorno crônico do desemprego em massa, as perdas periódicas no consumo e na renda, o empobrecimento moral e intelectual. A automação capitalista, desenvolvimento maciço *tanto das forças produtivas do trabalho quanto das forças alienantes e destrutivas da mercadoria e do capital*, torna-se dessa maneira a quintessência objetivada das antinomias inerentes ao modo de produção capitalista”. (MANDEL, 1982: 152)

²¹ Na Antiguidade e no Medievo, o ser humano via-se permanentemente ameaçado por forças naturais que adejavam do exterior (e face às quais nutria terror reverencial).

²² Habermas, nos marcos do materialismo histórico, critica o pós-modernismo, que considera conservador e conformista. Resgata, a ele se opondo, o projeto de esclarecimento da Modernidade, que, a seu juízo, restaria, na contemporaneidade, irrealizado. V. HABERMAS, 1987.

²³ O depoimento de Camille Paglia pode ilustrar o processo de capitalização da arte ocorrido no mundo pós-moderno: “A arte pop sambou no tórumulo do expressionismo abstrato. Depois da morte de Jackson Pollock, em 1956, seu espólio foi tão astutamente administrado por sua esposa, Lee Krasner, que os preços de todas as pinturas abstratas bateram recordes. Assim nasceu o mercado de arte contemporânea, onde investidores e aproveitadores especulam com quadros de maneira tão agressiva como fariam com ações na bolsa. Sempre houve *marchands* de arte, mas ainda não havia um sistema de galerias de verdade para os pintores abstratos, que tinham de enfrentar a pobreza, a rejeição e o ridículo. O principal beneficiário de seus sacrifícios acabou sendo a geração seguinte de jovens e felizardos artistas, que enriqueceram rapidamente trabalhando com coisas que os pintores sérios há muito vinham desdenhando – a grosseira e capitalista cultura de consumo da publicidade, dos carros, do *fast food*, do cinema, da TV, dos tabloides, das histórias em quadrinhos e do *rock'n'roll*. Desmoronou a estrutura inteira de arte esquerdista, de oposição, que vigorava desde o romantismo. A pintura jamais se recuperou do nascimento do pop. O expressionismo abstrato foi o último estilo autenticamente de vanguarda na pintura. Depois do pop, a vanguarda migrou para outras paragens – para a arte conceitual, a arte de instalações, a *land art* e a arte performática”. (PAGLIA, 2014, p. 147)

²⁴ Para Gadamer, “horizonte de compreensão” é o pano de fundo histórico que *filtra* os valores e as crenças dos homens de um dado período, condicionando a forma como eles interpretarão os fenômenos a seu redor. Nesse sentido, o “horizonte de compreensão” dos iluministas do século XVIII, por exemplo, é diverso daquele a partir do qual pensam os românticos do século XIX. Todo ato de compreensão é historicamente condicionado pela cosmovisão desenvolvida por um tempo específico. Nesse sentido, o “horizonte de compreensão” de Jameson é substancialmente diferente do de Mandel, marcado que se encontra pelas inúmeras transformações que se deram na dinâmica da produção capitalista.